

# PROJETO PAPO SÉRIO: COMBATENDO A LGBTFOBIA E O HETEROSSEXISMO NAS ESCOLAS

---

Autora: Suzana Morelo Vergara Martins Costa;  
Co-autora: Begoña Sánchez Torrejón

*Universidade Federal de Santa Catarina*

## Resumo

Estamos diante de um sistema educacional heterossexista que só contempla como modelo referencial de sexualidade o heterossexual. Assim oculta intencionalmente a diversidade sexual, invisibilizando e excluindo todx x alunx que não se enquadre nas normas imperantes da heteronormatividade. É necessário, portanto, estabelecer uma visão educacional que inclua, em pé de igualdade, as várias formas de gênero e sexualidades em particular diferentes orientações sexuais, mostrar as diferentes realidades e torná-las visíveis, contribuindo para a normalização social da diversidade sexual nas escolas. É um direito universal e básico dos menores de idade que a escola favoreça a expressão livre das orientações sexuais e identidades de gêneros. Por isso apresentamos o Projeto de Extensão Papo Sério realizado pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades-NIGS da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miriam Pillar Grossi e suas quatro principais ações: formação teórica da equipe que integrou o projeto; ministração das oficinas; participação em datas comemorativas (como 8 de Março, Dia Contra Homofobia, Semana da Visibilidade Lésbica); e a realização do Concurso de Cartazes sobre Lesbo, trans, homofobia e heterossexismo nas escolas como ferramenta docente que favorece o respeito a diversidade sexual e de gênero e combate a violência contra pessoas dissidentes da heteronormatividade.

**Palavras-chave:** Diversidade Sexual; Escola; Sexualidade; LGBTfobia;

## 1. Introdução

As escolas como espaços de socialização, desempenham um papel fundamental na socialização da orientação sexual e identidade de gênero dxs alunxs, especialmente em uma idade precoce como é caracterizado o estágio do ensino primário; no entanto, as alunas e alunos muitas vezes não são conscientes de que seus modelos de interação podem ser discriminatórios e falta-lhes as estratégias necessárias para mudar a sua tendência aos comportamentos do modelo heteronormativo:

A escola, sendo a instituição de reprodução de cultura por excelência desempenha um papel importante na construção de valores de tolerância e respeito, mas também precisamente por causa de seu papel socializador, tende a reproduzir os estereótipos e estigmas contra as pessoas consideradas diferentes, como é para os jovens com preferência sexual distinta da heterossexual (Lara e Ochoa, 2007, p.10).

O ambiente escolar é um espaço de ensino não somente de matérias curriculares, nele se transmitem as práticas, relações e discursos que atravessam desde o cotidiano escolar até a formação de políticas educativas, um dos aspectos destas práticas, relações e discursos que está presente são as concepções de sexualidades. Como bem ensina Louro (2007) a pedagogia da sexualidade está presente no dia a dia escolar, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, e muitas vezes relegando outras práticas sexuais.

Com base no discurso da invisibilização da sexualidade; se transmite na escola um modelo heterossexista e portando se consolida um domínio curricular específico. Nele se põe em jogo saberes, identidades de gênero e orientações sexuais perpetuando relações de poder heteronormativos (Silva,1999). O modelo discursivo pedagógico se legitima como uma instância de poder que não só produz e instaura saberes regularizados, mas que além disto produz formas concretas de subjetividades, parafraseando- se Foucault (1994) se mostra como uma “tecnologia do Eu”.

A educação sexual em centros escolares portanto regula um conjunto de práticas pedagógicas nas quais as alunas e alunos são posicionadas/os como sujeitas/os que devem construírem a si mesmos no marco de condições restringidas com uma delimitação identitária. Ou seja, um marco restritivo que se bem possibilita a construção do sujeito, também restringe sua construção.

Estamos diante de um sistema de ensino heterossexista, já que apenas concede como modelo de referência a heterossexualidade. Assim intencionalmente esconde diversidade sexo-gênero, invisibilizando e excluindo todos xs alunxs que não jogam com as normas da heteronormatividade. Duncan (1999) defende a importância do papel das escolas na criação e transmissão de valores e reprodução de discriminação e estereótipos sobre identidades sexuais. Esta realidade nas instituições educacionais requer, para promover a inclusão da diversidade sexual, que toda a comunidade educativa, em estreita cooperação, crie um clima em que se respeite e visibilize as diferentes orientações sexuais e identidades de gênero dxs estudantes . A escola é um ambiente de violência e vulnerabilidade às pessoas que rompem as normas hegemônicas de gênero, por isso é de urgente necessidade implantar experiências de inovação que resolvem este grande problema que é uma triste realidade atual de nossas escolas.

A escola deve eliminar as desigualdades e para isso a figura chave é o professor com valores de referência e discursos implícitos. A este respeito, Foucault (1976), em seu famoso texto: Vigiar e Punir (1975), argumenta que o poder leva os indivíduos, ao mesmo tempo, como objetos e como instrumentos. Assim, o processo de "fabrica" de indivíduos é contínua e geralmente muito sutil, quase imperceptível.

Os professores devem conhecer a sociedade em que vive, como diz Agostinho de la Herran (2003), e tornar a sala de aula um lugar de transformação no qual os alunos podem sistematicamente analisar e responder às muitas perguntas que surgem. Os professores devem ser multiplicadores de valores e ter atitudes de integração em suas salas de aula, promovendo a inclusão real de todos os alunos. Uma das principais dificuldades para padronizar o tratamento de sexo ou homossexualidade na sala de aula é a existência de inúmeros estereótipos nas mentes dos professores e má formação recebida nesta área (Diaz de Greñu, 2010).

Por tudo isso é de urgente necessidade começar a pensar a escola como um espaço de plena liberdade na construção das múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais. Uma escola aberta ao questionamento heteronormativo que potencie as diversas subjetividades das alunas e alunos. Favorecendo estruturas educativas que fomentem o direito a cidadania sexual de todas as alunas e alunos que formam os centros educativos. Democratizar a diversidade sexual como um direito básico que se perpetua na escola é uma assinatura pendente do sistema escolar.

Começar a desenhar uma escola que desconstrua o modelo hegemônico imposto da heteronormatividade é tarefa de toda a comunidade escolar e das administrações públicas educativas implicadas em este processo para que se alcancem os direitos básicos das alunas e alunos. Implantar um debate necessário para que as escolas sejam um espaço seguro e de liberdade de todas as alunas e alunos e que cada uma/um possa expressar sua identidade de gênero e orientação sexual.

Com a consciência da importância da extensão para democratização do conhecimento universitário, em especial os conhecimentos acerca de gênero, sexualidades, antropologia e educação para a construção de uma sociedade cidadã, livre de preconceitos e que respeite a diversidade individual, pretendemos desenvolver as quatro principais linhas de ações do Projeto de Extensão Papo Sério: formação teórica da equipe que integrou o projeto; ministração das oficinas; participação em datas comemorativas (como 8 de Março, Dia Contra Homofobia, Semana da Visibilidade Lésbica); e a realização do Concurso de Cartazes sobre Lesbo, trans, homofobia e heterossexismo nas escolas. Ao nosso ver o Projeto Papo Sério possibilita novas práticas pedagógicas que guiem propostas de inovação nas escolas, buscando o respeito, visibilidade e expressão livre das diferentes sexualidades e identidades de gênero.

## 2. Metodologia

Fruto de um grande investimento público dos governos petistas de Lula (2002 -2010) e Dilma (2010-2016) em políticas públicas de gênero, sexualidades e educação o Projeto de Extensão Papo Sério surge a partir da pesquisa “Ensino Religioso e Gênero em SC” realizada pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades NIGS/UFSC que analisou as representações de alunas e alunos e de professoras e professores sobre os temas da iniciação sexual e homossexualidades em 10 escolas de 5 regiões de Santa Catarina. A partir do contato com professoras e professores percebeu-se que estes tinham carência de formação em gênero e diversidade sexual e encontravam dificuldades em abordar estes assuntos transbordantes no contexto escolar. Assim o projeto surge como ação universitária nas escolas para a formação e dialogo com xs studentxs sobre diversidade sexual e de gênero, bem como violência contra as mulheres e todas as pessoas que não se encaixam no modelo heteronormativo.

Para poder problematizar os estereótipos de gênero e sexualidades no contexto escolar, formava-se teoricamente a equipe Papo Sério, formada principalmente por bolsistas da graduação, mas contando com mestradxs, doutorandxs e pós-doutorandxs, em gênero, sexualidades, feminismo e violências. Ao longo do primeiro semestre do ano de 2015 foram realizados doze encontros de formação com a equipe Papo Sério. Entre os assuntos abordados foram eles: transexualidades, deficiência e teoria crip, nome social e nome civil, lesbianidades, questões de gênero e violência

contra a mulher, mulheres na política, e as políticas educacionais no Brasil e os desafios para lidar com as questões de gênero, raciais e diversidades sexuais. Estes foram momentos não somente de grande aprendizado para as alunas e alunos de graduação que participaram dos grupos ministrados por pessoas da pós-graduação (mestrado, doutorado e pós-doutorado), mas também um espaço de sociabilidade e amizade entre graduandxs, mestrandxs, doutorandxs e pós-doutorandxs. Além da formação teoria do GENIGS era pedido aos integrantxs do Papo Sério que frequentassem disciplinas acerca de gênero, sexualidades, subjetividades, feminismos na Universidade Federal de Santa Catarina.

As demandas para que se realizassem oficinas nas escolas da Grande Florianópolis viam diretamente das escolas que entravam em contato com o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades/UFSC. Para realizar oficinas que atendessem as demandas das escolas, a equipe dividia-se em duplas ou trios que semanas antes iam para a escola conversar com o corpo docente para levantar questões que pudessem ser debatidas nas oficinas. Se realizava uma etnografia da escola, buscando relatar aonde ficava a escola, se era em bairros residenciais ou comerciais, como era a estrutura da escola e os perfis das alunas e alunos. As duplas conversavam com o corpo docente e ouviam destes relatos sobre a realidade de suas escolas:

“[...] Outra colocação feita foi de que muitas meninas são mães e já houve casos de mulheres mais velhas que se separaram dos maridos por causa do EJA, uma vez que os maridos não queriam que elas frequentassem. É visível como as mulheres assumem o papel de donas de casa e de esposas “submissas”. Explicando a falta na aula porque “hoje é o dia de folga do marido”. A questão de divisão de papéis que muitas vezes os alunos não sabem explicar porque é assim, como não sabem explicar porque sentem nojo de um casal de homens homossexual. [...]” (COSTA M, Suzana)

Após o levantamento debatia-se com a equipe qual seria a melhor metodologia de oficina a se realizar na escola. As oficinas eram realizadas a partir do “método mutirão”. Neste método eram formadas diversas equipes de 3 a 4 pessoas que ministravam uma média de três oficinas simultâneas, geralmente realizando dois blocos de oficinas de 90 minutos por turno. As equipes eram formadas por uma pessoa coordenadora, vinculada ao projeto com bolsa – de graduação, pós-graduação ou pós-doutorado – acompanhada de mais duas ou três pessoas que a auxiliavam no processo. Havia uma pessoa que fazia anotações ao longo das oficinas, objetivando a produção de relatórios quali-quantitativos. Este relator ou relatora seguia um formulário proposto pela equipe do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades. Todas as demais pessoas envolvidas nas atividades produziam relatórios descritivos, que eram debatidos em uma reunião de avaliação, com a proposta de evidenciar os conflitos, dificuldades e as estratégias bem-sucedidas, buscando aperfeiçoá-las para as próximas edições.

A equipe Papo Sério chegava nas escolas conversava com as professoras e professores e se dirigia as salas em que seriam realizadas as oficinas. Elas começavam com ajeitar a mesas da sala em círculo, quebrando com a geografia da sala em fileiras que promovem os corpos domesticados e a hierarquia professor- aluna/o. Em seguida acontecia a apresentação da equipe: cada pessoa falava seu nome e de qual curso fazia parte - ciências sociais, antropologia, jornalismo, direito, museologia, cinema, jornalismo e demais cursos. Apresenta-se o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades e a Universidade Federal de Santa Catarina. Ao apresentar a Universidade



perguntava-se quais as alunas e alunos que conheciam o espaço universitário, muitas e muitos dentro da cidade de Florianópolis não sabiam que havia uma Universidade Federal de Santa Catarina, mostrando a falha do ensino público brasileiro, preocupado em formar pessoas somente para a mão de obra assalariada, sem formação superior. Convidava-se e incentivava-se as alunas e alunos a buscarem conhecer e fazer parte da Universidade.

Após a apresentação da equipe e do espaço universitário era feito o “Jogo de Identidades”. Este jogo tinha como objetivo fazer com que a sala de aula se conhecesse melhor e percebesse as diferenças e semelhanças que existiam entre as alunas e alunos. Ele parte de uma série de perguntas que possibilitam a auto identificação, como: quem se considera mulher? Quem se considera homem? Quem se considera homossexual? Quem se considera bissexual? Quem se considera heterossexual? Quem é filhx de pais casados? Pais separados? Quem mora com os avós? Quem mora com duas mães ou dois pais? Quem se considera negrx? Quem se considera indígena? Quem se considera brancx?. De forma dinâmica, a coordenação propua a formação de subgrupos de acordo com a auto identificação em relação a: idade, configuração familiar, relacionamento amoroso, identificação racial (branco, pardo, amarelo, negro), orientação sexual, gosto musical (sertanejo, rock, funk, reggae, rap). A turma se movimentava pela sala e se posicionava conforme as perguntas que eram feitas pelxs ministrantes das oficinas, neste momento já se apresentavam as dúvidas dxs studentxs em relações a categorias referentes a gênero e orientações sexuais e apareciam as diversidades invisibilizadas pelo sistema heteronormativo presente no sistema escolar.

Na segunda parte das oficinas se realizava a dinâmica principal, esta variava conforme a demanda da escola. As diferentes demandas (violência contra a mulher, homo/lesbo/transfobia e masculinidades) eram abordadas através de diferente metodologias. Para trabalhar a violência de gênero se utilizava músicas que ilustrassem a violência contra a mulher, a lgbtfobia se trabalhou mediante o “jogo da garrafa”, em que conceitos eram trabalhados sobre a temática e as masculinidades eram problematizadas a partir do “jogo do privilégio”. Realizada sempre de forma horizontal e priorizando o posicionamento dxs studentxs e o dialogo acerca dos temas debatidos, as oficinas proporcionavam as alunas e alunos conhecerem os conceitos acerca de gênero, orientação sexual, feminismo, masculinidades e violência.

Entre as diversas ações promovidas pelo Projeto se faz de suma importância destacar seu sub-projeto o Concurso de Cartazes sobre Lesbo/trans/homofobia e heterossexismo nas escolas. Ele surge no ano de 2009 como estratégia política para celebrar o Dia Internacional de Combate a Homofobia, comemorado dia 17 de maio. A equipe Papo Sério ia até as escolas estaduais e municipais da Grande Florianópolis e convidava as escolas para participarem do Concurso, havia um edital em que as escolas interessadas se inscreviam e começavam a participar. Feita a inscrição da escola xs professorxs que tinham interesse que suas turmas participassem debatiam com seus alunxs sobre a violência LGBT e o Heterossexismo no ambiente escolar. A partir da discussão as alunas e alunos produziam cartazes que eram expostos nas escolas, como pedia o edital, em um local de grande circulação e visibilidade.

O edital pedia para que a escola promovesse uma votação com a comunidade escolar para eleger os três cartazes de cada turma que mais se identificavam com a proposta do Concurso, estes cartazes seriam levados para serem expostos na Universidade Federal de Santa Catarina. Com a exposição dos cartazes, a equipe NIGS ia até as escolas para saber como fora o processo de desenvolvimento da atividade. Estando na escola a equipe NIGS votava em um cartaz para premiar com o Prêmio NIGS, este cartaz iria ser exposto na Universidade Federal de Santa Catarina. Com isso era feita

uma exposição no Hall da Reitoria ou do Centro de Filosofia e Ciências Humanas durante aproximadamente um mês para a comunidade universitária circulasse e toma-se consciência da importância da luta contra a LGBTfobia nas escolas e na sociedade em geral. Nestas exposições havia também um espaço de votação para a comunidade universitária, participando esta do Júri Popular do Concurso. Além mais se levou a cabo outra interessante votação, a do Júri Popular Facebook. E para finalizar havia o Júri Científico formado por professoras e professores.

Ao final do mês de exposição realizava-se uma cerimônia de premiação no Hall da Reitoria. Neste momento se premiavam os cartazes vencedores do Juri Popular, Juri Popular Facebook e Juri Científico, bem como as professoras e professores destaque. Este era o momento em que muitas alunas e alunos estavam a primeira vez na Universidade. Através desta metodologia criativa e artística se proporcionava um espaço de debate e reflexão coletiva guiada pelos professorxs para construir conjuntamente com xs studentxs reflexões positivas a diversidade sexual, além de proporcionar com que xs studentxs conhecessem e considerassem a Universidade como opção de futuro profissional.



Figura 1 Exposição VII Concurso de Cartazes sobre Lesbo/Trans/Homofobia nas Escolas – Hall Centro de Filosofia e Ciências Humanas

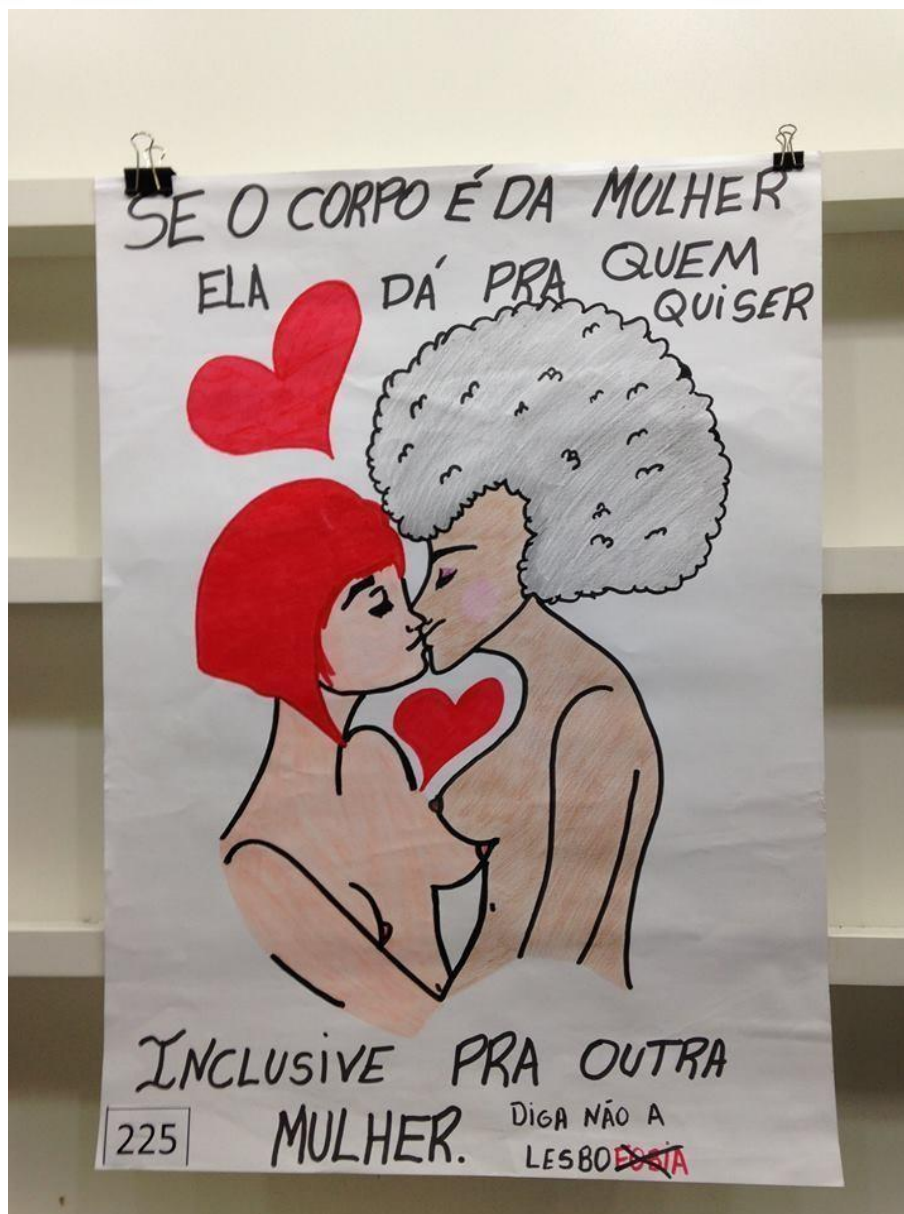


Figura 2 Cartaz produzido por studentxs da Escola E. B Cecília Lopes

Além destas ações a equipe Papo Sério participava de datas comemorativas (como 8 de Março, Dia Contra Homofobia, Semana da Visibilidade Lésbica) com a consciência da importância dos movimentos sociais para as teorias acerca de gênero e sexualidades, realizava-se a escassa articulação da academia com as lutas sociais.

### 3. Resultados

Ao longo de seus nove anos o Projeto de Extensão Papo Sério atingiu mais de 5 mil studentxs, envolvendo mais de 197 professorxs e 74 escolas. O Concurso de Cartazes sobre Lesbo/trans/homofobia e Heterossexismo nas Escolas envolveu mais de 3.300 studentxs que



produziram mais de 1028 cartazes. Entre xs bolsistas formadxs para guiar as atividades educativas com respeito ao gênero e diversidade sexual formaram-se aproximadamente 74 bolsistas. As ações do Projeto Papo Sério ainda estão presentes nas salas de aulas dxs professorxs que acreditam que a escola deve e precisa falar sobre diversidade sexual e de gênero.

É interesse ressaltar que o Projeto facilitou o trabalho e colaborou para que xs professorxs pudessem trabalhar e refletir de maneira inclusiva e lutar contra as violências de sexualidades não-hegemônicas em suas salas de aula. Vários são os relatos de studentxs e professorxs sobre como o Projeto impactou positivamente suas escolas, ajudando a resolver conflitos internos e possibilitando com que alunxs se colocassem e muitas vezes se assumissem em sala de aula. Alguns destes “efeitos invisíveis” do Projeto foi a apresentação da música “Dane-se a Fobia: preconceito fora” pela professora Leticia Gralano no XII Congresso da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, Seção Latinoamericana em Cuba no dia 11 de março de 2016. A música fora composta para o VII Concurso de Cartazes sobre Lesbo/trans/homofobia e Heterossexismo nas Escolas pela aluna do sexto ano Gabriela Ventura e sua turma. Outro efeito foi o ganho do Prêmio Nacional dos Direitos Humanos pelxs professorxs Maria Gabriela Abreu e Robson Fernandes da Escola E B Cel AntonioLehmkuhl – Águas Mornas/SC a partir de como o Projeto fora implantado em sua escola.

#### **4. Conclusões**

As sexualidades e, ainda mais, a diversidade sexual ainda são tabu na sociedade de hoje e nas escolas. A opinião generalizada na escola sobre sexualidade causa grande confusão e perplexidade. Também concebe uma visão muito reducionista centrada na reprodução, na prevenção de gravidezes indesejadas e informações sobre doenças sexualmente transmissíveis. A escola não pode ser um espaço seguro se não visibiliza em trabalho diário as sexualidades não hegemônicas e respeito a cidadania sexual e o direito a orientação sexual e identidade de gênero de todxs seus alunxs. A falta de reconhecimento da diversidade sexual para o planejamento de intervenções educacionais reflete que não é uma prioridade nas escolas, expondo esta atitude por estudantes não heteronormativos a exclusão e violência

Uma das conclusões que concluímos deste projeto é que a escola demanda formação e assessoramento em diversidade sexual e de gênero. O grande recebimento por parte da escola neste projeto nos leva a conclusão do vazio das atuais políticas públicas e legislação educativas sobre diversidade sexual. Devido aos atuais cancelamentos de políticas públicas sobre diversidade sexual e gênero que atualmente estamos sofrendo; a situação de violência e problemas sobre xs alunxs não heteronormativos irá aumentar, provocando baixo rendimento escolar, isolamento e abandono escolar dxs studentxs que sofrem LGBTfobia.

Uma das conclusões que chegamos também é que a metodologia praticada pelo Projeto Papo Sério facilita e possibilita as escolas a abordarem gênero e diversidades sexuais em seu ambiente. Esta metodologia extrapola outras experiências, seria interessante um efeito multiplicador deste projeto para ele se estendesse para todo o estado de Santa Catarina e Brasil para combater a discriminação e lgbtforbia nas escolas.

A inclusão da diversidade sexual é tarefa de toda a comunidade escolar, o respeito à diversidades, múltiplas orientações sexuais e identidades de gênero. Devemos nos mover em direção a uma sociedade democrática com a cidadania sexual, a qual não se encaixa a negação da diversidade humana, promovendo a liberdade de expressão afetivo-sexual. Uma sociedade em que a diversidade



é defendida como um fato da sexualidade humana e não é interpretada como uma anormalidade. As escolas devem respeitar os direitos sexuais visíveis, como parte dos direitos humanos; eles também devem ser protegidos e, por conseguinte, não podemos permitir qualquer tipo de rejeição e de perseguição aos alunxs não-heteronormativxs. Defendemos o reconhecimento dos direitos sexuais nas escolas para permitir que todas as meninas e todos os meninos possam viver uma vida decente, sem quaisquer ameaças e discriminação.

## **5. Agradecimentos:**

Agradecemos imensamente o grande trabalho profissional realizado pela Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Miriam Pillar Grossi e toda a equipe do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades. A todas as escolas, professorxs e alunxs que acreditaram e participaram do Projeto Papo Sério, tornado ele possível e buscando a construção de uma escola livre de preconceitos.

Obrigada ao trabalho e esforço de todas as pessoas que colaboraram e botaram em marcha este projeto, o qual quer colocar um pequeno grão de areia para que as escolas sejam um espaço de liberdade plena e felicidade de todas alunas e alunos, sem nenhum tipo de discriminação por razão de identidade sexual e de gênero.

## **6. Referências Bibliográficas**

COSTA, M Suzana. **Relatório Escola Ensino para Jovens e Adultos em Canasvieiras, Florianópolis/SC.** 2015

DE LA HERRÁN GASCÓN, Agustín. **Autoconocimiento y Formación: Más allá de la Educación en Valores.** Tendencias pedagógicas, 8, 13-42.2003

DÍAZ DE GREÑU DOMINGO, S. **Discriminación o igualdad. La educación en el respeto a la diferencia a través de la enseñanza de la Historia.** Tesis Doctoral inédita. Universidad de Valladolid. Valladolid. 2010

DUNCAN, N. **Sexual Bullying. Gender Conflicts and Pupil Culture in Secondary Schools.** London: Routledge. (1999)

FOUCAULT, M. **Vigilar y castigar.** Madrid: Siglo XXI Editores. 1976.

FOUCAULT, M. **Tecnologías del yo y educación.** Escuela, poder y subjetivación. Madrid: La Piqueta, 1995. p. 259-332.

LARA LÓPEZ, F. e OCHOA TAMAYO, A. **Análisis del Acceso de las y los Jóvenes a los Servicios de Sal**

**ud y Educación en la Región Metropolitana.** Un Enfoque a Partir de la Diversidad Sexual. México: Conapred. 2007.

LOURO, G. **Pedagogias da sexualidade**. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

SILVA, T. **Espacios de identidad: nuevas visiones sobre el currículum**. Barcelona: Octaedro, 1999.